



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI Nº , DE 2012

(Da Sra. ERIKA KOKAY)

Veda a exigência de depósito prévio de garantia financeira para atendimento de urgência ou emergência na rede privada de saúde no território nacional.

A CÂMARA DOS DEPUTADOS decreta:

Art. 1º Fica vedada a exigência de qualquer depósito prévio de garantia financeira ou assemelhada para o atendimento de urgência ou emergência a qualquer pessoa na rede privada de saúde, independentemente da comprovação de adesão ou filiação a qualquer plano de saúde, no território nacional.

Parágrafo único. Ocorrendo a hipótese do usuário não ter cobertura de plano de saúde suplementar ou não dispor de condições econômico-financeiras para cobrir a despesa, esta será custeada pelo Sistema Único de Saúde – SUS, de acordo com a legislação aplicável à espécie.

Art. 2º A infração ao que dispõe esta lei sujeitará o infrator às penalidades previstas no art. 56 da Lei Federal nº 8.078, de 11 de setembro de 1990 (Código de Defesa do Consumidor).

Art. 3º Fica a cargo dos órgãos de defesa do consumidor o cumprimento do disposto nesta Lei.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º Revogam-se as disposições em contrário.

JUSTIFICAÇÃO

O atendimento de urgência ou emergência de pessoas que necessitam de assistência à saúde é medida de cunho humanitário e que tem o objetivo de salvar vida, não podendo, portanto, ficar à mercê de regras comerciais, porque a vida não é um comércio.

Há notícias de que, constantemente, tem havido restrições de atendimento médico-hospitalar de urgência ou emergência, por parte do sistema de saúde



privado, a pessoas que em desespero de vida procuram uma assistência emergencial, mas que, naquele momento não dispõe de qualquer forma de recurso financeiro ou documento equivalente para dar garantia ao custeio da despesa.

Recentemente, inclusive, aqui no Distrito Federal, neste mês de janeiro/2012, ocorreu um fato lamentável com o Secretário de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Duvanier Paiva. Por não portar cheque e não ter autorização do plano de saúde, o atendimento médico emergencial foi recusado, causando o agravamento do caso, levando-o a óbito. Esta situação, nas circunstâncias atuais, pode acontecer com qualquer cidadão brasileiro, o que é inadmissível.

Aliás, em relação aos planos de saúde privados, já existe a Resolução nº 44 de 2003, da Agência Nacional de Saúde Suplementar – ANS, dispondo que *“fica vedada, em qualquer situação, a exigência, por parte dos prestadores de serviços contratados, credenciados, cooperados ou referenciados das operadoras de planos de assistência à saúde e seguradoras especializadas em saúde, de caução, depósito de qualquer natureza, nota promissória ou quaisquer outros títulos de crédito, no ato ou anteriormente à prestação do serviço”*, o que nem sempre está sendo cumprido, razão pela qual torna-se necessário a regulação da matéria por lei para atender a todas as pessoas, independentemente da sua condição financeira ou social.

Por outro lado, no Estado de São Paulo, já vigora uma lei estadual que proíbe essa prática abusiva do mercado de saúde. A Lei Estadual nº 14.471/11, em seu artigo 1º, dispõe:

“Artigo 1º - Fica proibida a exigência de caução de qualquer natureza para internação de doentes em hospitais ou clínicas da rede privada no Estado, nas hipóteses de emergência ou urgência.”

O infrator estará sujeito às penalidades previstas no Código de Defesa do Consumidor, Lei Federal nº 8.078, art. 56:

“As infrações das normas de defesa do consumidor ficam sujeitas, conforme o caso, às seguintes sanções administrativas, sem prejuízo das de natureza civil, penal e das definidas em normas específicas:

- I - multa;*
- II - apreensão do produto;*
- III - inutilização do produto;*
- IV - cassação do registro do produto junto ao órgão competente;*
- V - proibição de fabricação do produto;*
- VI - suspensão de fornecimento de produtos ou serviço;*
- VII - suspensão temporária de atividade;*



CÂMARA DOS DEPUTADOS

- VIII - revogação de concessão ou permissão de uso;*
- IX - cassação de licença do estabelecimento ou de atividade;*
- X - interdição, total ou parcial, de estabelecimento, de obra ou de atividade;*
- XI - intervenção administrativa;*
- XII - imposição de contrapropaganda.”*

Portanto, qualquer tipo de cobrança prévia fere os princípios básicos da cidadania, causando constrangimentos e risco à saúde da pessoa que necessita de atendimento emergencial. Primeiro, tem-se que salvar a vida e depois ver os meios e as condições para custeio da despesa. As pessoas tem o direito constitucional ao atendimento da saúde, como dever do Estado.

Diante o exposto, conclamo os nobres pares a aprovarem este projeto de lei, que vem ao encontro da preservação da vida e dos interesses coletivos da sociedade.

Sala das Sessões, em de fevereiro de 2012.

Deputada ERIKA KOKAY
Partido dos Trabalhadores – PT/DF